

---

## QUE PODER DE ENSINO O DESTAS COISAS QUANDO EM IDIOMA<sup>1</sup>

LUÍS MAFFEI \*

Universidade Federal Fluminense

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

É com um poema de *A faca não corta o fogo* que isto tudo começa:

retira-se alguém um pouco atrás na noite  
para fazer uma escola da leveza,  
sentar-se sobre si mesmo devorando uma laranja,  
pronta,  
colhida ao caos, que ela sim ilumina quem a usa,  
e é isto: a laranja faz rodar os dedos, torna  
leve, pelos dedos,  
aquele que a levanta, e tão exacto gosto na língua,  
tão transbordante,  
dói no fino do frio açúcar,  
e a laranja levanta tudo: luz e dedos, e a pessoa  
com a ferida na boca, o gosto  
magoado até à pronúncia das expressões mais simples do idioma,  
golpe a golpe,  
como em estrangeiro brutal,  
ou inexpugnável,  
que faz ele? talha trémula, oh Deus! lavrada a pau virgem e folha de ouro,  
mete-lhe os polegares pelos umbigos, devora-a, celebra, embebeda-se,  
que escola da laranja terrestre não se pode mais que esta leveza

(HELDER, 2014: 557)

As escolas no poema, da “leveza” e da “laranja”, são escolas com “l”; ambas, foneticamente falando, começam com uma consoante lateral alveolar vozeada, também presente na sílaba final de “escola”. Uma descrição fonética que fala alvéolo se poderia encontrar com o gosto herbertiano pela nomeação de partes pequenas do corpo, os próprios “alvéolos” (2004: 329) do extinto (?) *Cobra*, ou as “falangetas”, umas também do livro de 1977 — “Senti nas falangetas o leite manso e a madeira alumiada/ pelos poros

---

<sup>1</sup> Versão escrita da Conferência Plenária apresentada por Luís Maffei no **Congresso Internacional HERBERTO HELDER - a vida inteira para fundar um poema**, promovido pelo Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira (UMa-CIERL), entre 21 e 23 de novembro de 2016.

---

ferozes” —, outras do já vindo *A faca não corta o fogo*: “bic cristal preta doendo nas falangetas,/ papel sobre a mesa/ a luz que vibra por cima, por baixo/ a cadeira eléctrica que vibra” (2014: 607), choques, transas radicais, intrínsecas, da pequena coisa do pequeno corpo com o mundo.

Será a poética de Herberto Helder uma espécie de aula de fonética magnânima, pois estelar, e pequena, pois discreta enquanto lição? *A faca não corta o fogo* será o livro herbertiano a mais fornecer poemas a esta investigação, mas não o único, o que, de certo modo, acaba por entender a estratégia do livro de 2008, que reúne um poema-livro inédito, ou melhor, poemas, pela primeira vez vindos ao mundo, em articulada sintaxe, a fragmentos, pontos fortes, lugares intensos criados desde 1961, em forma antológica ou sumária. *A faca não corta o fogo*, que hipotetizo como aula de fonética, inventa acentuações para orientar a leitura em voz alta, alveolar e lateral, oclusiva e nasal e etc., e para bagunçar a grafia, o que passa a juntar aos sons uma investigação da constituição das palavras, uma peculiar morfologia. Não surpreendo ninguém se disser, como primeira proposição, que, no caso do ensino em Herberto Helder, matéria importante é a língua, as línguas — o órgão como corpo e as palavras como substância.

Por isso, “que poder de ensino o destas coisas quando/ em idioma”, dirá o poema que mais fortemente tensionará água e palavra, mais claramente dirá, n’*A faca não corta o fogo*, de uma “lição do nome/ que não tem Deus, e de que o nosso nome/ diminuto se aproxima” (HELDER, 2014: 605). O outro, o citado na íntegra, começa dizendo: “retira-se alguém um pouco atrás na noite/ para fazer uma escola da leveza”; “leveza”, “levitação”? Nós “caminhamos”, como diz “Cinemas”, o excêntrico ensaio de 1998, “para a levitação na luz!”? O encontro lateral, ou melhor, das laterais alveolares, é proposto pela palavra, leve em sua substância de perene abertura à transformação. Este texto é sobre ensino em Herberto Helder; faz, portanto, sentido revelar que, outro dia, Dioniso, do pequeno alto de seus menos de seis anos tão herbertianamente magistrais sem magistralidade, mas com elevada mestria, se espantou quando percebeu que todos os nomes do mundo do nosso alfabeto compõem-se com as mesmas letras, menos de 30. É uma limitação, pensei, mas uma surpreendente abertura, no que toca ao convite à montagem, cinema cheio de luz e “lição do nome/ que não tem Deus, e de que o nosso nome” ainda mais diminuto que Dioniso “se aproxima”. O final do poema da “lição” é também cinema: “e equilibram-se/ o copo sobre a toalha, transparência, plano de água,/ e dedos e papel e script e trémula superfície da memória,/ tudo passado a múltiplice e ardente” (HELDER, 2014: 606),

---

espectadores em ação de nomes próprios, coroados. Hei de cogitar o porquê de Deus não ter nome, ou dos nomes não terem Deus. Espero, esperem.

Antes, cogito a “escola da leveza” como uma homenagem às escolas antigas, não tão antigas que pré-socráticas mas antigas o bastante para serem gregas, escolas de corpo capacitado para peripatéticas levitações, escolas de provérbios como “Não se pode cortar o fogo com uma faca”. Ou o contrário disso, já que, como nos lembra Alcir Pécora, desde o acadêmico “Platão, ao menos, a Filosofia se pensa como universo da razão em confronto com o da arte, que seria o dos afetos, do irracional, fantasmático e deformador da realidade” (PÉCORA, 2014: 308). Sintagma importante, deformação da realidade, transformação de palavras em coisas muito afetivas, nomes que têm de caber, como Dioniso percebeu, em 26 letras — ele talvez não saiba a contagem, mas sabe que é bem pouco, diminuto, este universo com tanto a cumprir. Isso até a intervenção da poesia alterar tanto esta realidade, este mundo, que ele, transformado, deformado (é quase o mesmo), vê-se em estado semelhante ao das palavras, movido por afeto que não é irracional ou fantasmático, mas criativo. A laranja, portanto: a palavra “laranja”, lateral — espanta-me que lateral classifique este “l”, pois Deus não tem nome, ou nomes não têm Deus, e qual a lateralidade de Deus, o que está a Seu lado e não O toca mas é visto e O vê? —, é alterável; a coisa laranja, alimentar, é chupável. Por ambas as propriedades, laranja é alterável e chupável com leveza, com a palavra leveza e sua leveza extrínseca e, como bem nos ensinou o mestre Ferdinand de Saussure, arbitrária.

Por isso a laranja é uma mestra, ou uma inteira escola. Se lermos “escola da laranja” como lemos “escola de Frankfurt”, por exemplo, a escola da laranja produz teoria, tem estatuto de saber e pensamento. Sem perder uma página, uma linha de seu poder teórico, a escola da laranja não se afasta das boas escolas de arte, como as renascentistas, por exemplo, e não perco de vista seu poder até de natureza, só porque não achamos termo melhor, morta: em poema que pertence e não pertence a *A faca não corta o fogo*, pois já saíra em 2001 na primeira ocorrência do sintagma *Ou o poema contínuo*, lemos: “então não percebo sequer o movimento, digamos,/ da laranja/ na fruteira” (HELDER, 2014: 595), e quantos alunos não se detiveram diante de panorama assim, cheio de movimento, por que não?, cinematográfico, para fazer cinema estático, *frame*? Curso de fonética e morfologia, “que escola da laranja terrestre não se pode mais que esta leveza”, “que poder de ensino o destas coisas quando/ em idioma”, pois, em palavra, somos todos mestres, no sentido rosiano de de repente aprender, e, na famosa frase do craque mineiro, fico com o “de repente”: é acidental a escola da laranja que “levanta tudo: luz e dedos”, pois só levanta

em idioma e “gosto”, fazendo coincidentes a carne da palavra e a polpa do fruto, “magoado até à pronúncia das expressões mais simples do idioma”, que, de repente, aprendem, de repente, ensinam.

O idioma, antes que se entenda errado, e por isso a poesia herbertiana executa, criada a “escola da leveza”, uma língua dada à barbaridade, é “em estrangeiro brutal,/ ou inexpugnável”. Estrangeiridades são afins a Herberto, inclusive quando o poeta enfrentou poemas de outras línguas para mudá-los ao português, mesmo quando passeou por paragens ádvenas n’*Os passos em volta*. Deleuze escreveu que “um grande escritor sempre se encontra como um estrangeiro na língua em que se exprime, mesmo quando é a sua língua natal” (DELEUZE, 2011: 141), o que o caso herbertiano aproxima do paroxismo. É um problema mesmo de transformação, deformação, metamorfose: o idioma poético é vocacionado para o contrário da tradução, e esse é um dos motivos por que esta palavra, tradução, não aparece nas traduções de Herberto Helder. A poesia sói destraduzir, não verter, posto que a língua de chegada a que o poeta desloca a outra, a da comunicação pouco debruçada sobre si mesma, não é simplesmente outro idioma, mas a linguagem em estado de atrito, como bem pensou Silvina Lopes. A destradução permite à “pronúncia das expressões mais simples do idioma” magoar, inaugurando imagem das mais sugestivas para poesia como a de Herberto Helder: a ferida.

Neste ponto da reflexão, vale a pena pensar sobre a hipótese de haver uma pedagogia da poesia em geral e da herbertiana em particular. Uma assertiva de Pécora é desdobrável: “a literatura é, de fato, no que ela tem de melhor, se não estranha ao conhecimento, irreduzível a ele” (PÉCORA, 2014: 308). Não sei se é necessário explicitar que este texto se deve a eu ser professor de literatura, alguém, portanto, cujo ofício é ensinar, e também poeta, alguém, portanto, cujo ofício, dirá Pécora, não se reduz a dar algo a conhecer. Ensinar literatura é já um paradoxo, pois os bancos universitários, salvo exceções, não ensinam a fazer literatura, mas põem na mesa certo universo de problemas, autores ou conjuntos de problemas e/ou autores dentro do que se convencionou chamar de literatura, muitas vezes num específico recorte — a literatura portuguesa, em meu caso, a teoria literária, em tantos outros, etc. O texto de Alcir Pécora se intitula “Literatura como ato irreduzível ao conhecimento” e advém de uma comunicação oral. Lá pelas tantas, o professor propõe aos ouvintes, como exercício, a leitura coletiva de um poema escrito pelo seiscentista italiano Giovan Battista Marino. A conclusão a que chega Pécora após a breve atividade: o poema pouco ensina, em termos de conhecimento de mundo, que já não

---

fosse sabido pelo leitor; sua única novidade, ou melhor, sua força, é “a força da Literatura, como apresentação, como experiência” (PÉCORA, 2014: 312).

“Adolescentes repentinos, não sabem, apenas o tormento de um excesso/ giratório. Com as cabeças zoológicas” (HELDER, 2014: 360). A abertura de um poema de *Flash* é legível como a celebração de um mostrar que antecede o entendimento racional ou científico, mostrar aberto a animalidade que, no entanto, não deixa de, humanamente, abrir flanco a certa ciência, ainda que última, dotada de logos. O “tormento de um excesso/ giratório” é da ordem da experiência, e seu entendimento será, obviamente, experiencial, assim como a escola da leveza dependeu da colheita da laranja, de um malabarismo com ela e de seu consumo enquanto palavra e gosto para existir como escola. Numa língua irmã da nossa, o castelhano, o verbo *enseñar*, já que significa também mostrar, está próximo à expressão da imagem, experiência posta — “O dia roda o dorso e mostra as queimaduras”, lê-se em *Do mundo*, num dos mais estonteantes entardeceres que já li, vi. Mas Herberto não escreve em castelhano, nem em francês, língua na qual *apprendre* pode indicar aprendizado e ensinamento, e sabemos que, para nosso poeta (e poderemos discordar?), “Não há nada a ensinar embora haja tudo a aprender” (HELDER, 2001: 195), e o mestre aprende mesmo, aprende em de repente inusitados.

Não ensinamos ninguém a escrever nas nossas aulas de literatura, posto que isto não se ensina, ainda que se aprenda. Mesmo em oficinas criativas, que já ministrei, não há nada a ensinar embora haja formas, metros, procedimentos e tal. Sei de alunos que já escreveram, em aulas minhas dedicadas à poesia, textos em versos, entre a assombrada recepção de um Camões ou de um Ruy Belo e a sobrevida intensa desses poetas. O que há é sobretudo leitura, e isso talvez seja uma lição, mas como se leciona em poesia, ou melhor, como a poesia leciona? A pergunta é chave para este ensaio, que gostaria de evitar o aspecto opressor do ensino, das escolas, que Herberto Helder tanto atacou. *A faca não corta o fogo*, por exemplo, é o livro em que se encontram os versos “eles dizem que a beleza perdeu a aura, e eu não percebo, creio/ que é um tema geral da crítica acadêmica: dessacralização, etc.”, num tipo de academia que em nada lembra a pujança da beleza, que não perdeu a aura coisa nenhuma, insistirá o poema que me leciona, por exemplo, “que a beleza é sim incompreensível,/ é terrível, já se sabia pelo menos desde o Velho Testamento,/ a beleza quando avança terrível como um exército” (HELDER, 2014).

Mestres tacanhos surgem em mais de um texto, “(carta a uma instituição requerendo uma bolsa)”, de *Photomaton & Vox*, por exemplo, com seus “mestres de alguma vil ciência” (HELDER, 1995: 111), ou, em *Os selos*, versos como: “Mas alguém pode ser

---

mestre/ aqui, de onde/ se ofuscam, cândidos animais transmudando-se?” (HELDER, 2014:465). A animalidade, mas não só, uma animalidade fundada na mudança, na transmutação, na metamorfose, pura experiência que se mostra como imagem radical, ou, para recuperar uma expressão de Herberto Helder, imagem expansiva, cinematográfica — uma das razões por que Herberto é tão cinematográfico é o cinema ser expansão em estado de montagem, uma imagem sendo resultado da outra e, ao mesmo tempo, autônoma, num tipo de narrativa que não ocorre nos filmes de maior apelo comercial, mas nas radicais investigações do tempo. Nesse filme, pergunto: “alguém pode ser mestre” se não for de “alguma vil ciência”, algum saber que não tenha talento para extrapolar o universo da razão a que se referiu Pécora ao pensar na afinidade entre filosofia e academia?

Acadêmica como a inane crítica que não enxerga a beleza, não se fere, não se magoa, é certa tristeza cantada em *Servidões*, livro que explora uma tensão entre acadêmico e administrativo que me interessa muito, inclusive educativamente, e a educação desses versos vem do imperativo. Cito o poema em que está a segunda ocorrência da dor acadêmica no conjunto:

vida aguda atenta a tudo  
e contudo para acabar mais depressa no escuro  
escrevo rescrevo  
e enfim reluzo e desmorro  
(finjo pensá-lo)  
um pouco um pouco

acautela a tua dor que se não torne académica

(HELDER, 2014: 703)

No livro em que se presentificam umas “dor escrita e lida” que já nada servem a um poeta em *Servidões*, não é absurdo cogitar que a dor “acadêmica” seja mais uma mordidinha de Herberto em Fernando Pessoa, mestre de si mesmo, discípulo de um nome de papel em cerrado universo ficcional. Mas não é, não pode ser apenas isso. Resistir a uma dor acadêmica talvez seja lutar contra a preparação da própria obra para um estatuto excessivamente estudável e cabível em salas de aula e gabinetes, e a um tipo de trabalho dado a fetiches e trocas que pouco beneficiam a leitura de poesia, inclusive deixar o poema e construir em torno do autor uma aura semelhante à que se fez em torno de Pessoa, e não só. O verso herbertiano não recusa o fingimento, gesto tão integrado à poesia portuguesa (e à poesia em geral, obviamente) que não vejo rejeição a ele sequer no

---

elogio de Jorge de Sena ao testemunho. Aliás, Pessoa conseguiu uma admirável formulação do fingimento, admirável e única, mas o tópico, ainda que sem tanta sofisticação e capacidade de formar uma poética, é muito anterior ao autor de *Mensagem*, é tópico de Camões (aí com sofisticação semelhante), de D. Dinis, de tantos outros.

Se não recusa o fingimento, recusa a antecipação da crítica para dentro da crise do verso, instância, sem dúvida, pensante, mas que não “levanta tudo” se for acadêmica no que o acadêmico tem de institucional. Não recusar o fingimento implica inclusive (tudo bem, não sem alguma dose de ironia) escrever, reescrever o verso “finjo pensá-lo”, entre parêntesis, entre morrer — e Herberto Helder, nos livros do fim da vida e antes, é poeta, está em *Servidões*, de “morte no gerúndio” (HELDER, 2014: 693) — e desmorrer, “acabar mais depressa no escuro” e reluzir — atenção ao exercício prefixal, metonímia da referida limitação da língua que chamou a atenção de Dioniso: pouco material para muita tarefa, muito serviço, muita servidão. À dor acadêmica, ao acadêmico, uma vida administrativa. *A morte sem mestre*, livro seguinte a *Servidões*, dirá da “mão que me administra a alma”. No conjunto de 2013, “o terror da beleza, isso, o terror da beleza delicadíssima/ tão súbito e implacável na vida administrativa”, aquela beleza que “avança terrível como um exército” (HELDER, 2014: 648). E um poema que me convoca especialmente:

uma espuma de sal bateu-me no alto da cabeça,  
nunca mais fui o mesmo,  
passei por todos os mistérios simples, e agora estou tão humano: morro,  
eu que nunca nunca mais me surpreendo:  
sou mais rápido —  
falo de mim em estilo estritamente assassino:  
é quase como se fosse o centro do planeta:  
prontíssimo para o verbo e o milagre,  
mas se ressuscito ah então falo de exercício estilístico:  
escritor de poemas,  
como se fosse uma intimidade, quase um destino, um mistério,  
com os dias primeiros até às cenas botânicas do paraíso,  
e digo:  
administra a tua voz,  
mas administra a tua dor primeiro  
(a dor e a voz administrativas?)

(HELDER, 2014: 678)

Passar por mistérios é uma educação? Sem dúvida, é uma formação, escola (se for escola) que capacita o poeta a morrer e ressuscitar em forma de “escritor de poemas” em primeira pessoa, poema estrito, alterização tanta que uma segunda

pessoa cabe aí, numa conversa da voz poética com a voz poética: “administra a tua voz,/ mas administra a tua dor primeiro”. Alguém perguntará, contudo, haverá apenas a voz poética? Essa segunda pessoa não será também, quiçá, o leitor, ou um suposto interlocutor que não cabe na voz poética, apesar de caber no universo múltiplo criado pelo poema com instinto exacerbante? O tom místico do poema, na típica transgressão herbertiana de memória cristã, me faz cogitar que há um sentido fortíssimo para a ideia de administração nesses versos, e agarro uma discreta evidência: a etimologia de administrar guarda o sentido de servir alguém, ajudar em algo, quase uma profissão, e profissão se acerca do compromisso com ensinar. Mas não vou tão longe, não quero colar serviço a ensino, apenas sublinho que administrar a voz é pô-la a serviço, servidão, de alguém ou algo, numa dimensão que não deixa de ter caráter místico, ou, ao menos, indócil a limites apenas do conhecimento racional.

A dor deve ser administrada ainda antes, posta a salvo da artificialidade de a obra antecipar seus próprios efeitos, pessoalmente falando. Verbo, milagre e exercício estilístico encontram-se com o universo plástico e híbrido de outro poema de *Servidões*, protagonizado por uma “Beatriz das drogas duras”, que passeia por “um inferno à medida de cada qual difícilimo,/ onde se é evasivo,/ subtilezas desde o xadrez à física quântica,/ à poesia pura,/ aos fundamentos da levitação xamânica,/ ao sufismo,/ ao surfismo” (HELDER, 2014: 694-695). Há uma religiosidade nessa administração, nessa servidão, mas desieraquizada, com o “surfismo”, por exemplo, ocupando, por paronomásia, ciclo de ondas com estatuto semelhante ao do “sufismo”, um Islã dado à contemplação, e de outras práticas de potencial êxtase. Antes de Herberto Helder, Ruy Belo já fizera uso não desprovido de mística da administração, num de seus poemas mais comoventes, “A mão no arado”, que assim começa: “Feliz aquele que administra sabiamente/ a tristeza e aprende a reparti-la pelos dias/ Podem passar os meses e os anos nunca lhe faltará” (BELO, 2004: 159), e assim termina, concluindo a anáfora baseada em “é triste”: “É muito triste andar por entre Deus ausente// Mas, ó poeta, administra a tristeza sabiamente” (BELO, 2004: 160)

Entendo melhor, com Ruy Belo, que a administração da dor *n'A faca não corta o fogo* transforma a tristeza, com a sabedoria dos poetas, em serviço partilhável, administrado como se administra, ministra um *phármakon* ou, sintagma d'*A faca não corta o fogo*, o próprio "ministério lírico". Ou como quem ministra uma aula. O mesmo Ruy Belo, ensaísta vivo que me interessa mais, faz questionamentos em nada alheios a este ensaio em seu "Poesia e educação": "E será possível ensinar poesia? E não haverá uma poesia didáctica?" (BELO, 2002: 99). Enquanto cogita valores e interesses, Ruy Belo especula algo que me toca: "Talvez se possa entender a poesia como o exercício de sabedoria da linguagem [...]. Por outro lado, linguisticamente, a poesia configura-se como a violação, o afastamento em relação" à linguagem corrente (BELO, 2002: 101). Ou: é preciso administrar sabedoria e violação, e nisso estará alguma hipótese educativa da poesia. Educação, entendo com Herberto, de sábia e violada, transformada gramática, deformada fonética, morfologia de armar.

Um texto de Izabela Leal, "Coisas que aprendi com Herberto Helder", é inspirador para este, posto que entende, desde o título, que há um ensino, um *apprendre*, na poesia de Herberto Helder. Antes de tocar o texto, ressalto um aspecto muito importante na poesia herbertiana, que é a tensão entre sujeitos muitas vezes (aparentemente) fortes e a dissolução desses mesmos sujeitos, em vários níveis — o próprio poema, o mundo, a alquimia, e, com muita força desde sempre e com traços especiais nos últimos livros, a morte. Eunice Ribeiro escreve:

Em certa medida, a idade parece potenciar ou tornar mais evidente aquilo que, diria recorrendo ao pensamento de Nancy, constitui o próprio mundo dos corpos: uma absoluta "rejeição-de-si" que é simultaneamente rejeição ou "excreção do sentido" [...]. Poderia dizer-se que o corpo que *excreve* assim o seu sentido, fora da palavra, fora de qualquer discurso capaz de articular sangue e sentido [...], é uma presença onde não há [...] qualquer certeza de que algum ausente ou algum absoluto se tenha nela objetivado. Ou porventura, na aceção forte de Kristeva, um corpo/ cadáver radicalmente abjeto (RIBEIRO, 2015: 129).

Rosa Martelo refere-se a uma "sugestão do sensível, mas acontecendo no *limite da linguagem*"; "as imagens [...] trabalhariam sobre a falência dos sentidos" (MARTELO, 2012: 20). Pelo privilégio das imagens, pelos sentidos em desfalecimento e, no caso dos livros finais, por esse corpo ex-tremo, cadavérico, não situável pacificamente na palavra porque

“sangue e sentido” já não se articulam, cogito: não há qualquer segurança, divina ou divinamente científica, que garanta a magistralidade, mesmo que não deixe de haver alguma possibilidade de transcendência, nem que seja inabsoluta, transcendência *a*, eventual transcendência infernal ou, como diz o poema da “Beatriz das drogas duras”, “uma estrutura estritamente poética/ na sua glória mesma” (HELDER, 2014: 695). Há de ser por isso que *a morte é sem mestre*, livro sobre o qual Pedro Eiras escreveu:

Contra a sapiência conquistada pela filosofia, contra a verdade encontrada e definitiva em Platão, Cícero ou Montaigne, a poesia de Herberto Helder propõe uma descrição violenta e multimoda da morte e do sujeito perante a morte: jogo continuamente em devir, episódios de combate (EIRAS, 2015: 146).

Contra uma verdade acadêmica sem risco e sem morte, luta e devir. Conversar com alguns notáveis companheiros contemporâneos de leitura, leitores herbertianos em estado de conflituosa consonância, ou cadente dissonância, me ajudou a concluir a impossível magistralidade de um sujeito qualquer em Herberto Helder, autor, talvez eu possa dizer, de uma poesia, como a morte, sem mestre. Isto recusa não apenas verdades científicas, mas o capitalismo que compra e abre escolas privadas, tenta impor sua moral a escolas públicas (as que lutamos para resistir) e mantém sua existência longa às, e nas, crises. Delfim Netto, ministro da economia, da agricultura e do planejamento em alguns governos militares brasileiros, economista ainda referencial em tempos economicocêntricos e numa terra em franco processo de reneoliberalização, afirmou, em entrevista de 1972: “É preciso saber de que tipo de educação a economia precisa. E a economia em rápida expansão e que, portanto, desloca rapidamente as atividades da agricultura para a indústria e os serviços, exige, é claro, uma mão de obra mais qualificada” (Apud AMORIM, 2015: 532). Mais de quatro décadas depois, a qualificação da mão de obra tem a ver com palavras como acessibilidade e interatividade, nada a ver, logo, com leveza, laranja ou idioma.

Isso eu aprendi com Herberto Helder: a poesia, sem mestre, não permite a venda da morte, também sem mestre, é claro. A deseducação para a revolta é o que promove o mundo do “político e o cívico e o administrativo e o económico-financeiro,/ enfim o ínvio”, tudo, administrativo inclusive, em seu sentido mais desencantado. Meditando sobre a deseducação educativa da poesia, aporto enfim no ensaio de Izabela Leal, em que as coisas aprendidas com Herberto são versos que dão nomes às seções. Na que se intitula “O poema dói-me, faz-me”, verso de “O poema”, de *A colher na boca*, leio: “Para Herberto Helder, a operação poética é [...] um processo vital no qual está implicado não um autor

---

autoritário — passe o trocadilho — que já existe antes da criação do poema, mas um autor [...] que só aparece no ato de criação da obra” (LEAL, 2011: 174), ou seja, que só se mostra, se *enseña*, em movimento, expansão, filme, música, pois a música só o é em se criando — esta é uma das razões por que o verbo “tocar” é tão estratégico em Herberto Helder. Passar por mistérios, pergunto de novo, é uma educação? É, sem dúvida, uma iniciação, especialmente porque os mistérios, em grande medida, são fundados junto com sua iniciação, ainda que não se possa perder de vista a simpatia da poética herbertiana pela antiguidade, por uma sabedoria ancestral e novíssima.

O primeiro tópico do ensaio de Izabela é um verso de “Aos amigos”, de *Lugar*: “Temos um talento doloroso e obscuro”, que faz a autora pensar numa “comunidade, para usar uma expressão de Bataille, dos que não têm comunidade”: “a poesia exige a dimensão da experiência compartilhada, mas o que se compartilha não tem nada de objetivo, não é categorizável” (LEAL, 2011: 171). Desconfio, então, que o ensino da poesia (não o trabalho de comunhão que fazemos com nossos alunos, mas o poema em estado frontal, duro, o poema, por assim dizer, enquanto lição), deslizando que está sobre o limite da linguagem e do espanto, não se dá sem o rasgo de manuais e cartilhas. Se tivermos em mente a necessária adaptação do indivíduo para uma boa vida em sociedade, poesia é radical contraeducação, ou, gostarei de dizê-lo lendo Herberto Helder com muito Camões no lombo, ou lendo Camões com íris herbertianizadas, que a poesia, se não ensina algo, ensina a errar, iniciaticamente.

E assim começo a chegar a um termo:

que poder de ensino o destas coisas quando  
em idioma: um copo de água agreste plenamente na mesa,  
só em linguagem o copo me inebria  
— placa de gelo em que lóbulos  
do cérebro? — e exalta-me a transparência, porque  
fora, sob  
administração  
geral: ciência, literatura, economia, gramática,  
nada, nenhum copo, nenhuma água na mesa,  
me fazem sangrar a ferida essencial, ou mover-me  
às cegas e às avessas  
até ao último reduto

(HELDER, 2014: 605)

A linguagem inebriante inebriará a deseducação da ciência, da literatura, da economia, da gramática, palavras que a poesia, “baptismo atónito”, reinventa, repotencializa, desarruma, transformando cada coisa do saber em “palavra/ surpreendida”

---

(HELDER, 2014: 460). A poesia (não sei se ainda é cedo para dizê-lo, porventura sempre ou seja) aprende, ou, senianamente, apreende, com humildade, aspecto que é do poetar, como aprendi com Ruy Belo. Gramática, palavra-chave em Herberto Helder, tem de ser cuidada, indica *Do mundo*: “E a maneira de andar na escuridão sob as gotas,/ cuidar da ferida, cuidar/ da gramática, árduo cuidar, quem/ pensaria?, cuidar da música,/ do mundo.” (HELDER, 2014: 512). O cuidado talvez esteja mais para o “cuidar e suspirar” que chegou até Camões, passando dele e por ele, tópico poético que dicciona a experiência amorosa em níveis diversos, inclusive na descida aos infernos do sofrimento, inclusive na insuficiência do amator enquanto ser, inclusive, enfim, na abertura do desejo ao erro. Portanto, numa educação que cuida da “gramática” após cuidar da “ferida”, antes de “cuidar da música” e do “mundo” e “da música” “do mundo”, “Quero um erro de gramática que refaça/ na metade luminosa o poema do mundo,/ e que Deus mantenha oculto na metade nocturna/ o erro do erro:” (HELDER, 2014: 521), é preciso conhecer Deus eroticamente para errar na língua fundando-a poema.

*O ornitólogo*, filme de João Pedro Rodrigues, escrito por seu realizador em parceria com João Rui Guerra da Mata, encena um problema que me parece fulcral para Herberto e para seu pior amigo, ou melhor inimigo, a coisa amada Camões. Durante um estranho e doloroso processo de ascese e (talvez) purificação, o ornitólogo que protagoniza a película, Fernando, conhece um pastor surdo-mudo chamado Jesus, com quem, à beira de um rio, faz sexo. Após o evento erótico, o protagonista, em virtude de pendenga que não vale a pena aqui descrever, assassina, meio sem querer, o amante. Fernando, que caminha para alterizada santidade quase privativa, todavia, não tem a menor ideia de que aquela cópula e aquele involuntário assassinato fazem parte do cumprimento de seus desígnios, pois ele sequer tem ideia de que há desígnios em jogo. Que Camões tem com isso? É que Herberto Helder me *enseña* uma maneira de ler um dos versos-chave (porque abre muitas portas) da lírica camoniana: “Conheci-me não ter conhecimento” (CAMÕES, 2005: 217), central, numérica e significativamente, na Canção VII. Camões, especialmente em suas canções mas não apenas nelas, identifica-se obstinadamente com a figura de Jesus Cristo a partir da paixão que ambos experimentam, mas não tanto com um Deus distante demais para exercício cheio de *phátos* — Deus não *têm* nome, os nomes não têm Deus. E Herberto? Penso que Herberto gostaria muito de cair com Deus em cama, por isso caiu com o diabo, como o próprio poeta teoriza, enquanto fala de Camões, Pessoa, Goethe e Thomas Mann, no ensaio “O nome coroador”, um dos textos mais *rock’n’roll* que escreveu.

---

Não pode Herberto foder Deus como Fernando fodeu Jesus em *O ornitólogo*, e isso indica ser fodível a parte homem de Cristo, como Camões dolorosamente soube. Também soube ele, e sabe-o Herberto, que a parte Deus de Cristo, Deus, portanto, não ouve, nem fala. Portanto, digo, após ler Camões e Herberto e assistir ao filme de João Pedro Rodrigues (bem, ajuda ver alguns Bergman, etc.), que não há nada mais distinto de Deus que a linguagem. Não obstante, Deus existe (ou existem Deus, existimos Deus), e é, por isso, obsessivamente buscado na poesia de Herberto Helder, e “que poder de ensino o” de Deus “quando/ em idioma” pronto a ser posto, este sim, na cama, na língua posta em estado de *jouissance*, como formulou Barthes. Logo, “a acerba, funda língua portuguesa,/ língua-mãe, puta de língua, que fazer dela?/ escorchá-la viva, a cabra!/[...]/ que se foda a língua, esta ou outra,/ porque o errado é sempre o certo disso”. A foda da língua é alveolar, e “eu, que tenho o dom das línguas”, preciso da língua outra para o beijo e a escuta, ou seja, para a cópula e a educação (HELDER, 2014: 574).

E “que poder de ensino o destas coisas quando em idioma”, “laranja” inclusive, inclusive “Deus”, “Deus advérbio de modo” de uma educação sem divina segurança, sem segurança nenhuma, mas maternal. Nesta altura dos estudos herbertianos, não é preciso mergulhar na relação da poesia de Herberto Helder com o *topos* da mãe, mas, num texto como este, não posso não sublinhar que, em latim, tanto “*educo*”, em nominativo, como o verbo “*educare*” significam, além de instruir, amamentar. Cito apenas, já que *A faca não corta o fogo* é o livro mestre desta investigação, versos como “lavra a fio exímio, salga, limpa, muda, move, inventa,/ mãe/ que a tua mão inseparavelmente amadureça/ segundo as redacções de Deus,/ o autor improvável mais próximo que temos”, no poema que remete à prática dos anzadi que consiste em a mãe masturbar um filho homem que sofra de “impotência sexual episódica” (HELDER, 2014: 536). A mãe, educadora, consegue mesmo criar um Deus criador em linguagem, poder idiomático e inventado, e, como “as mães são as mais altas coisas/ que os filhos criam”, elas também são feitas pela filial morfologia e criadas com uma fonética infantil.

Muitas foram as perguntas que nortearam este ensaio cheio de dúvidas. Algumas têm a ver com o que a poesia pode — pode ela ensinar, aprender? Qual seu “poder de ensino”? Não sei se respondo, mas entendo que ler, escrever e, sobretudo, dar aulas com poesia nos dias de hoje não pode ignorar certas evidências. Por exemplo, no jornal *O Globo* de 17 de novembro de 2016, há uma matéria intitulada “Oportunidade vem do berço”, cujo subtítulo é “Levantamento do IBGE mostra que ter pais com maior escolaridade resulta em salários mais altos” (p. 19), o que atualiza tristemente a frase de Delfim Netto que citei

---

páginas atrás. Que cabe a nós, professores de ler poesia porque leitores de poesia? Aprender com o antimestre Herberto Helder nos ajuda, entre outras coisas, senão a enfrentar, certamente a não ceder ao Deus capitalismo, Deus produtos, serviços e acessos e não contemplações, servidões e trânsitos — se “a literatura é irreduzível”, segundo Pécora, ao conhecimento, ela jamais transigiria com a qualificação de mão de obra, por exemplo.

Esse Deus capitalismo é politicamente funéreo, e, no Brasil desenhado pelo assombroso ano de 2016, se encontrou atualizado por uma corja de delinquentes neoliberais que promoveram um golpe de estado. Um dos alvos de seu ataque é, evidentemente, a educação pública. Em certo momento, como reação, milhares de estudantes de várias idades ocuparam escolas e universidades em todo o país, inclusive o meu caro Instituto de Letras da UFF, tentando impedir uma indiscutida, ao menos fora dos gabinetes mais suspeitos, reforma do ensino médio, e uma Proposta de Emenda Constitucional que estrangula completamente a autonomia econômica brasileira — a assim chamada “PEC do fim do mundo”, cujo autoritarismo, em seu bojo e em seu leviano processo de aprovação, lembra os Atos Institucionais da ditadura civil-militar. Escreveu Herberto Helder que o “escultor norte-americano Luis Jiménez [...] morreu/ esmagado pela sua obra”. Com esses jovens, com sua urgência e sageza, tento aprender “dedo a dedo a escrever” o meu “nome entre os dedos” (HELDER, 2014: 609), o que não difere muito de treinar uma morte artística e coletiva, revolucionária, só porque estou vivo: “que poder de” idioma o destes gestos “quando/ em” ensino.

#### REFERÊNCIAS:

- AMORIM, Paulo Henrique (2015), *O quarto poder - uma outra história*, São Paulo: Hedra.
- BARTHES, Roland (2004), *O prazer do texto*, 4. ed., Trad. J. Guinsburg, São Paulo: Perspectiva.
- BELO, Ruy (2002), *Na senda da poesia*, Organização Maria Jorge Vilar de Figueiredo, Lisboa: Assírio & Alvim.
- BELO, Ruy (2004), *Todos os poemas I*, 2ª ed., Lisboa: Assírio & Alvim.
- CAMÕES, Luís de (2005), *Rimas*, texto estabelecido e prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão, Coimbra: Almedina.
- DELEUZE, Gilles (2011), *Crítica e clínica*, 2.ª ed, tradução Peter Pál Pebart, São Paulo: 34.
- EIRAS, Pedro (2015), “Em língua plena — notas sobre *A morte sem mestre* de Herberto Helder”, Catherine DUMAS, Daniel RODRIGUES, Daniel & Ilda Mendes dos SANTOS (orgs.), *Herberto Helder – se eu quisesse enlouquecia*, Rio de Janeiro: Oficina Raquel, pp. 140-149.
- HELDER, Herberto (1998), “Cinemas”, *Relâmpago – revista de poesia*, n.º 3, Lisboa: Fundação Luís Miguel Nava/ Relógio d’água, pp. 7-8.

HELLER, Herberto (2001a), "Herberto Helder: entrevista", *Inimigo Rumor*, n.º 11, Rio de Janeiro/Lisboa: 7 Letras/ Cotovia, pp. 190-197.

HELLER, Herberto (2004), *Ou o poema contínuo*, Lisboa: Assírio & Alvim.

HELLER, Herberto (1995), *Photomaton & Vox*, 3.ª ed., Lisboa: Assírio & Alvim.

HELLER, Herberto (2014), *Poemas completos*. Porto: Porto Editora.

LEAL, Izabela (2011), "Coisas que aprendi com Herberto Helder", Ida ALVES & Luis MAFFEI, (org.), *Poetas que interessam mais – leituras da poesia portuguesa pós-Pessoa*, Rio de Janeiro: Azougue, pp. 169-179.

LOPES, Silvina Rodrigues (1998), *Literatura, defesa do atrito*, Lisboa: Vendaval.

MARTELO, Rosa (2012), "De imagem em imagem", *Revista Abril*, v. 5, n.º 9, Niterói: NEPA/UFF, pp. 15-26. Disponível em <[http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/](http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/134) article/view/134 >. Acesso em: 13 de novembro de 2014.

"Oportunidade vem de berço. Levantamento do IBGE mostra que ter pais com maior escolaridade resulta em salários mais altos", *O Globo*, 17/11/2016. Matéria de Cássia Almeida, Lucianne Carneiro e Daniel Gullino. p. 19.

PÉCORA, Alcir (2014), "Literatura como ato irredutível a conhecimento", *Remate de Males*, v. 34, n.º 2 (jul/ dez), Campinas/ SP, pp. 307-312.

RIBEIRO, Eunice (2015), "O corpo extremo (sobre *A morte sem mestre* de Herberto Helder)", Catherine DUMAS, Daniel RODRIGUES & Ilda Mendes dos SANTOS (orgs.). *Herberto Helder – se eu quisesse enlouquecia*, Rio de Janeiro: Oficina Raquel, pp. 125-139.

\* **Luís Maffei** é Professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal Fluminense. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999), mestrado (2003) e doutorado (2007) em Literatura Portuguesa pela mesma instituição - neste último, apresentou a tese *Do mundo de Herberto Helder*. É também poeta e contista. Como ensaísta, tem textos publicados em diversas revistas, como *Metamorfoses*, *Ipotesi* e *Via Atlântica*, *Colóquio/Letras*, *Relâmpago*, *Telhados de Vidro* e *Cadernos de Literatura Comparada*. Coordena, para a editora Oficina Raquel, a série PORTUGAL, dedicada à novíssima poesia portuguesa. Escreveu, com Pedro Eiras, *A Vida Repercutida - Uma Leitura da Poesia de Gastão Cruz* (Lisboa, Esfera do Caos, 2012).

Organizou, em parceria com Ida Alves, o livro *Poetas Que Interessam Mais - Leituras Da Poesia Portuguesa Pós-pessoa* (Azougue); com Lilian Jacoto, *Soldado Aos Laços Das Constelações - Herberto Helder* (Lumme); com Jorge Fernandes da Silveira, *Poesia 61 Hoje* (Oficina Raquel); e com Diana Pimentel, *Até que. Herberto*. (Ed. Guilhotina e UMA-CIERL). Pelo conjunto da obra, recebeu o prêmio Icatu de Artes - Literatura, 2013. É Sócio Benfeitor do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Publicou no final de 2017, ainda sobre Herberto Helder, *Do Mundo de Herberto Helder* (Oficina Raquel e FAPERJ).